

Entre a tradição e a modernidade: o artesanato têxtil doméstico de Resende Costa, MG

*Between tradition and modernity: the domestic
textile craftsmanship of Resende Costa, MG*

É QUE OSIGYAN ACHA FEIO
O QUE NÃO É OH73JS3

Glauber Soares Junior¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9902-9740>

Angelita Alves de Carvalho²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9342-4181>

[**resumo**] Esse artigo foi desenvolvido com a finalidade de compreender a produção do artesanato têxtil doméstico no município de Resende Costa, em uma perspectiva histórica e contemporânea. Em termos de metodologia, trata-se de um estudo de caso realizado de forma online, em que foram entrevistados 40 tecelões (e pessoas que já trabalharam no ofício) da localidade, sendo 20 homens e 20 mulheres. Os dados foram organizados e analisados através de uma análise de conteúdo por redes temáticas. No que toca aos principais resultados, compreende-se que, em suma, o artesanato têxtil é produzido no domicílio, sendo desenvolvido principalmente por mulheres. No passado, a produção era totalmente manual, desde o plantio até o acabamento dos artefatos, sendo confeccionadas menores quantidades de objetos e de forma mais lenta. Na atualidade, a maneira de tecer se mantém, contudo, a matéria prima básica para a produção passa a ser industrial e a produção atinge status de manufatura, sendo fabricadas grandes quantidades de artesanias de forma mais simplificada, localizando o ofício entre a tradição e a modernidade.

[**palavras-chave**] **Artesanato têxtil. Tecelagem. Resende Costa. Tradição. Contemporaneidade.**

[**abstract**] This article was developed with the purpose of understanding the production of home textile craftsmanship in the municipality of Resende Costa, in a historical and contemporary perspective. In terms of methodology, this is a case study carried out online, in which 40 weavers (and people who have worked in the craft) of the locality were interviewed, 20 men and 20 women. The data was organized and analyzed through a content analysis by thematic networks. In terms of the main results, it is understood that in short, textile crafts are produced in the home, and are mainly developed by women. In the past, production was totally manual, from the planting to the finishing of the artifacts, being made in smaller quantities and more slowly. Nowadays, the way of weaving is maintained, however, the basic raw material for the production becomes industrial and the production reaches the status of manufacturing, with large quantities of handicrafts being made in a more simplified form, placing the craft between tradition and modernity.

[**keywords**] **Textile craftsmanship. Weaving. Resende Costa. Tradition. Contemporaneity.**

Recebido em: 20-05-2022

Aprovado em: 28-08-2022

¹ Mestre em Economia Doméstica (UFV). Doutorando em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS, Brasil. glaubersoares196@hotmail.com. <http://lattes.cnpq.br/9649333341548747>.

² Doutora em Demografia (UFMG). Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Rio de Janeiro, RJ, Brasil e Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, MG, Brasil. angelita.carvalho@ibge.gov.br. <http://lattes.cnpq.br/3909776080735271>.

Tessituras iniciais

Esse artigo é produto de uma dissertação de mestrado desenvolvida no programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa³. Parte-se da compreensão de que o artesanato é tudo aquilo que é produzido de forma manual (LIND, 2020). Na atualidade, o artesanato têxtil está enquadrado entre a tradição, na medida em que são reproduzidas técnicas centenárias e milenares, e a modernidade, com a inclusão de novas tecnologias, modificando principalmente a maneira de aquisição da matéria-prima que, agora, geralmente é comprada da indústria. Keller (2011) e Souza (2018) ponderam que na contemporaneidade os ofícios artesanais possuem tanto importâncias intangíveis e simbólicas quanto econômicas e mercantis, na medida em que tais práticas passam por adaptações ocasionadas pela implementação de políticas neoliberais, quando os objetos começam a ser produzidos em grandes quantidades, havendo uma simplificação na maneira como são produzidos.

Em termos de conceitos básicos, tecer, de acordo com o dicionário Ximenes (2001, p. 830), é conceituado como “o entrelaçar regular de fios; confeccionar com fios; urdir; trançar; exercer o ofício de tecelão”. Segundo Chantaignier (2010), a palavra advém do latim *texere*. Udale (2011) evidencia que tecelagem é o tramado feito no tear por fios de urdume – fios paralelos ao sentido do comprimento do tecido – e da trama – alocados no sentido da largura do tecido.

Com essa compreensão, sabe-se que o ofício de tecer possui grande relevância no Brasil (PEZZOLO, 2009), em específico para o estado de Minas Gerais, na medida em que o setor têxtil foi e segue sendo um importante impulsionador da economia mineira (MACEDO, 2003). Proferindo sobre a tecelagem artesanal, em muitos municípios do estado mineiro ainda se encontram antigos teares de madeira, e com mais dificuldade uma antiga roda de fiar. A existência desses maquinários indica que pessoas seguem tecendo à mão na região (FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA, 1984; SILVA, 2015). Nessa percepção, até na atualidade, em Minas Gerais tem-se uma grande tradição de produção artesanal, sendo essa uma herança cultural proveniente essencialmente das mulheres indígenas, negras, escravas e portuguesas (CASTRO; EGGERT, 2015).

Um dos municípios onde se destaca esse tipo de produção é Resende Costa, cidade que se localiza no campo das vertentes de Minas Gerais. A tradição de tecer na localidade acompanha a história do próprio local. A tecelagem surge na localidade por meio dos portugueses no século XVIII – no Povoado dos Pintos –, quando chegaram ao local senhores de engenho, escravos e teares, sendo uma atividade que se disseminou entre as mulheres da região. As vestimentas dos que ali estavam eram produzidas nesses teares, principalmente as dos escravos, que teciam para si pois, ao contrário, não teriam o que vestir (CASTRO, 2015; SOUZA, 2018).

³ SOARES JUNIOR, G. Nas tramas do tear tecem-se histórias – o artesanato têxtil de Resende Costa, Minas Gerais: trabalho, vida cotidiana e gênero. 2022. 215 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2022. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/28812/1/texto%20completo.pdf>.

No contexto apresentado, através do artesanato, muitas pessoas mantêm a si e a suas famílias no Brasil. No estado de Minas Gerais, o setor artesanal é responsável pela geração de mais de 300 mil postos de trabalho (AGÊNCIA MINAS GERAIS, 2016). No estado mineiro, tem-se um destaque para um desenvolvimento do artesanato têxtil como já realçava a Fundação Nacional Pró-Memória em 1984.

Na circunstância do artesanato têxtil no município de Resende Costa, a história da prática de tecer se correlaciona com a existência do próprio município. A cidade se desenvolveu no âmago da produção manual de artefatos pela utilização do tear. Assim, ao longo da história, a tecelagem permeia a vida cotidiana dos habitantes locais, sobretudo das mulheres, as principais responsáveis pela manutenção dessa práxis, tecendo em seus próprios lares (SOUZA, 2018; SOARES JUNIOR; CARVALHO, 2021).

Partindo desses prévios apontamentos, esse artigo foi desenvolvido com o objetivo central de compreender a produção do artesanato têxtil doméstico no município de Resende Costa, cidade do interior de Minas Gerais, em uma perspectiva histórica e atual, em que através de um estudo de caso, pretendeu-se situar como se encontra a tecelagem doméstica produzida na localidade na sociedade contemporânea, através do ponto de vista dos tecelões.

Em termos de estrutura, para além dessa introdução e das considerações finais, o artigo foi dividido em outras três seções: a primeira, “Percurso metodológico”, foi formulada com intuito de esmiuçar a metodologia utilizada para coleta e análise dos dados aqui apresentados; sequencialmente apresentam-se os resultados encontrados divididos em duas partes. A primeira delas, “Vivências do trabalho têxtil: perspectiva histórica”, como o título indica, traz a compreensão da tecelagem no contexto histórico; a segunda, “Vivências do trabalho têxtil: perspectiva contemporânea”, traz a configuração do ofício na atualidade.

Alinhavos metodológicos

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo exploratório-descritiva. Inicialmente, desenvolveu-se uma revisão bibliográfica (GIL, 2008) estabelecendo as bases conceituais que sustentam os dados empíricos. Sequencialmente, desenvolveu-se um estudo de caso (BABBIE, 2001) no município de Resende Costa⁴, onde foram realizadas entrevistas em profundidade, através da aplicação de um questionário sociodemográfico e de perguntas semiestruturadas, com 40 habitantes, sendo 20 mulheres e 20 homens (encontrados através da técnica da “bola de neve”, apoiando-se em Vinuto (2014)), conforme dados do quadro apresentado na Figura 1, que estavam envolvidos direta ou indiretamente com o ofício de tecer (de forma indireta, tratando-se de parceiros de mulheres tecelãs que possuíam conhecimento sobre a tecelagem). Com a garantia do sigilo aos entrevistados, os dados da Figura 1 foram codificados em “Entrevistas mulheres” (Em) e “Entrevistas Homens” (Eh), seguidos de um número de 1 a 20.

Por fim, os dados foram organizados e analisados por meio de uma análise de conteúdo com bases na técnica das redes temáticas (ATTRIDE-STIRLING, 2001). Através da técnica, as

⁴ Por conta do isolamento social ocasionado pela pandemia de coronavírus (COVID-19), o campo da pesquisa foi realizado de forma remota, em que as entrevistas foram efetivadas através de ligações telefônicas e videoconferência.

análises foram concebidas em seis etapas, sendo estas: Codificação dos dados; Identificação dos temas pela codificação; Construção de redes temáticas; Descrição e exploração das redes temáticas; Sumarização dos temas; e Interpretação dos padrões obtidos.

FIGURA 1 – QUADRO DE PESSOAS ENTREVISTADAS

Entrevistas mulheres (Em)		Entrevistas homens (Eh)	
Identificação	Idade	Identificação	Idade
Em1	37	Eh1	25 anos
Em2	34	Eh2	26 anos
Em3	62	Eh3	26 anos
Em4	50	Eh4	41 anos
Em5	33	Eh5	23 anos
Em6	40	Eh6	26 anos
Em7	45	Eh7	34 anos
Em8	36	Eh8	37 anos
Em9	42	Eh9	21 anos
Em10	29	Eh10	32 anos
Em11	27	Eh11	38 anos
Em12	39	Eh12	26 anos
Em13	47	Eh13	64 anos
Em14	25	Eh14	34 anos
Em15	40	Eh15	39 anos
Em16	37	Eh16	36 anos
Em17	32	Eh17	45 anos
Em18	65	Eh18	30 anos
Em19	38	Eh18	27 anos
Em20	47	Eh20	26 anos

Fonte: elaborado pelos pesquisadores (2021)

Estabelecendo um panorama geral no que toca aos entrevistados, em termos de características sociodemográficas, em relação às mulheres, constatou-se que a média de idade girava em torno dos 40 anos, tendo a mais jovem 25 anos e a mais velha 65 anos. No que se refere à etnia/cor, 55% se autodeclaravam negras, e 45% brancas. Com respeito ao estado civil, 60% eram casadas ou possuem união estável e 40% eram solteiras, divorciadas ou viúvas. Sobre o nível de escolaridade, 35% possuíam ensino fundamental completo; 30% detinham de ensino médio completo; 20% dispunham de ensino fundamental incompleto e 15% possuíam ensino médio incompleto. Em referência ao salário recebido em suas atividades profissionais (enquanto tecelãs), 40% diziam receber mensalmente entre R\$400,00 e R\$800,00 reais mensalmente; 30% alcançavam mais de R\$1000,00 reais; 20% obtinham entre R\$800,00 e R\$1000,00 e 10% auferiam entre R\$100,00 e R\$400,00 reais.

No que diz respeito aos homens entrevistados, percebe-se que a maioria já trabalhou com a tecelagem, mas na atualidade poucos seguem na profissão, enquanto a maioria migrou para outras ocupações ou tece para complementar a renda. É importante salientar que foram entrevistados homens que pararam de tecer ou que tecem não como uma ocupação principal, mas como maneira de adquirir renda extra, pois boa parte desses já teceu

durante suas vidas e até por longos períodos. No geral, possuíam idade média aproximada de 33 anos, concentrando-se na faixa de idade entre 25 e 44 anos; pouco mais da metade se autodeclarava negro; a maioria possuía ensino médio incompleto ou completo; em relação ao estado civil, a amostragem se dividia entre casados ou que possuíam união estável ou eram solteiros; em relação à remuneração, recebiam salários superiores a R\$1000,00 em suas ocupações atuais.

Nas próximas seções, tem-se a apresentação dos principais resultados encontrados.

Vivências do trabalho têxtil: perspectiva histórica

Ponderando sobre a história do município de Resende Costa, compreende-se que tal localidade possui marcos históricos peculiares e simbólicos. Em 1749, foi construída a 'Capela de Nossa Senhora da Penha e França', e ao seu redor foram construídas as primeiras casas que pertenciam às primeiras famílias que chegaram ao local, criando-se assim o 'Arraial da Laje'. Entre os anos de 1788 e 1789, José de Resende Costa (pai e filho), aliaram-se ao movimento da Inconfidência Mineira. Por esse fato, eles são considerados os grandes heróis da história da localidade. 122 anos depois, no ano de 1911, o 'Arraial da Laje' se tornou município, chamando-se então 'Vila Resende Costa'. Em 1923, quando o município conquista sua emancipação, passa a ser chamado de 'Resende Costa', em homenagem aos seus heróis locais (SANTOS; SILVA, 1997).

No que diz respeito à história da tecelagem local, é importante traçar uma linha explanando as principais marcas históricas do artesanato. No final do século XVIII, no então povoado de Pintos, as mulheres das primeiras famílias que chegaram ao local já teciam roupas e cobertores (SANTOS; SILVA, 1997). Em 1830 a tecelagem têxtil passou a ser uma ocupação doméstica executada essencialmente por mulheres – escravas e livres – da zona rural. Entre os anos de 1911 e 1920 a tecelagem chegou ao perímetro urbano da localidade. De 1940 a 1950 homens começaram a sair a cavalo para vender os artefatos que eram produzidos no local. Entre 1960 e 1970 o retalho passou a ser a principal matéria-prima utilizada na tecelagem e a ser adquirido em malharias e fábricas da região. Em 1975 surgiram as primeiras lojas de artesanato no município. No ano de 1984 teve-se a chegada do tear duplo no local (RIBEIRO, 2016; RESENDE, 2019).

É relevante apontar que, a partir da década de 1980, a produção artesanal na cidade começa a se elevar ao passo que as vendas aumentam. Vendedores passam a buscar mercadoria na cidade para revender em outras localidades. Em 1985, homens começam a ver o artesanato têxtil como uma possibilidade de trabalho. No ano de 1990 tem-se grande elevação no número de lojas de artesanatos locais. Em 1993 funda-se a Associação dos Artesãos de Resende Costa (ASARC). Em 1995 o retalho passa a ser adquirido picado no formato de corda, já em tiras. Em 2005 funda-se a Associação Empresarial e Turística de Resende Costa (ASSETURC). Em 2013 foi realizada a primeira 'Mostra de Artesanato e Cultura de Resende Costa', evento fundamentado para colocar a produção artesanal têxtil em evidência em determinada data do

ano. No ano de 2016 o saber da tecelagem é registrado como Patrimônio Cultural Imaterial de Resende Costa (SANTOS; SILVA, 1997; RIBEIRO, 2016; RESENDE, 2019).

Então, em relação ao artesanato têxtil, a partir daqui urdem-se as análises relacionadas às entrevistas realizadas, trazendo a percepção dos entrevistados em relação ao contexto histórico do artesanato têxtil ‘resendecostense’. Assim, consegue-se entender como a tecelagem era produzida no passado e como vem sendo fabricada no contexto atual da cidade.

Por esse ângulo, Em3 (62 anos) e Em18 (65 anos) ajudam na construção e no reforçamento dessa “linha do tempo”, na medida em que vivenciam o artesanato têxtil por maiores períodos, experienciando as modificações que foram ocorrendo ao longo dos anos. Através das respostas de ambas, e na percepção das mesmas, de um modo geral – entendendo que essas transformações abrangeram toda a população, não sendo apenas específicas e singulares –, pode-se dividir a produção da tecelagem de Resende Costa em três grandes momentos: no primeiro, todo o processo – desde a plantação do algodão até o acabamento dos artefatos – era feito em casa, manualmente, de maneira mais lenta, com uma produção menor, e os produtos eram mais complexos e detalhados, conforme Figuras 2, 3 e 4. No segundo momento, a matéria-prima torna-se, predominantemente, de retalhos, assim, passa-se a comprar esse material, que precisava ser picado, emendado e enrolado para que na sequência se pudesse tecer. Começam a surgir lojas de artesanato e a produção desenvolve-se de forma manufaturada. O terceiro momento seria o atual, em que os retalhos são comprados já picados, precisando-se apenas enrolar e tecer. A produção passa a ser mais acelerada e os tecelões precisam fabricar um grande volume de produtos para abastecer a grande quantidade de lojas que existem no local.

FIGURA 2 – ANTIGO TAPETE PRODUZIDO EM RESENDE COSTA (1980)



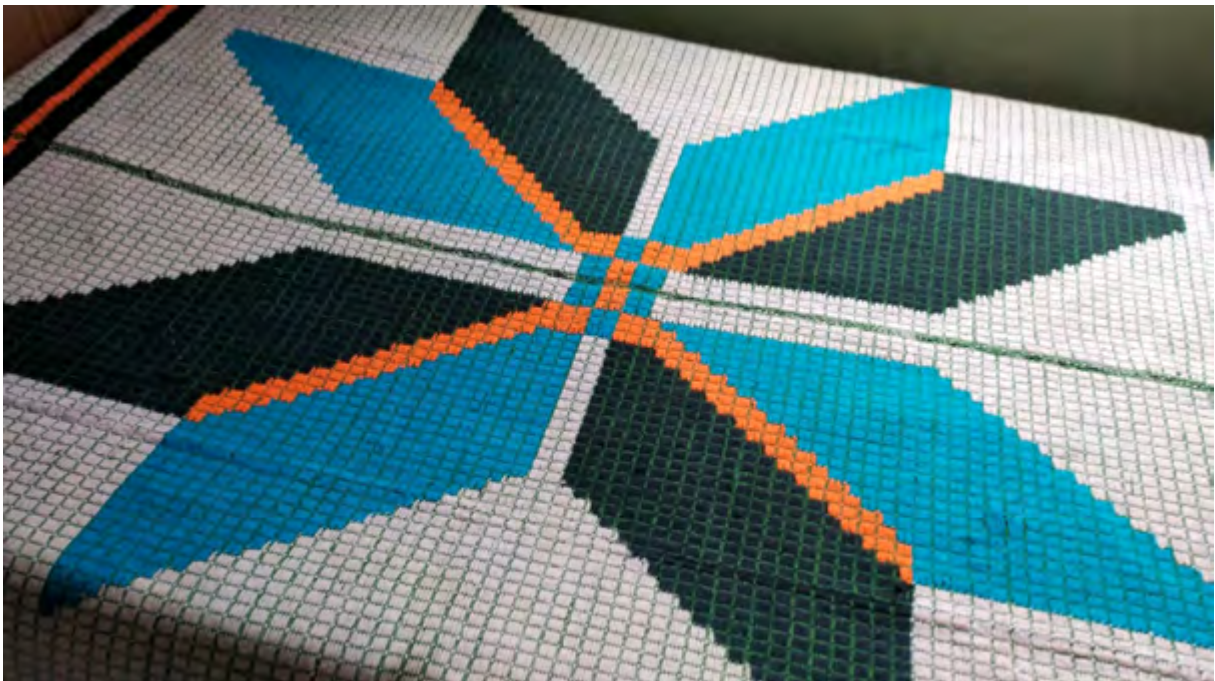
Fonte: Acervo pessoal de Eh6

FIGURA 3 – ANTIGOS ARTEFATOS CONFECCIONADOS NO MUNICÍPIO



Fonte: acervo pessoal de Eh15

FIGURA 4 – TAPETE PRODUZIDO NA CIDADE COM PADRONAGEM MAIS DETALHADA



Fonte: acervo pessoal de Em3

Articulando sobre o primeiro desses períodos que foram narrados pelos indivíduos dessa pesquisa, pode-se assimilar a tecelagem ‘resendecostense’ em uma perspectiva histórica. Nesse sentido, pautando-se nas falas de Em3 (62 anos), consegue-se entender que:

Antigamente a gente que fazia todo o processo. A gente pegava naquela época da plantação de algodão, pegava o algodão e tinha também a lã de carneiro. O algodão a gente mesmo que colhia ele, tirava os caroços dele, caldava pra poder fazer o fio. A gentia fiava, urdia e o processo era todo feito em casa. E a lã também tinha esse processo que a gente tinha que lavar, depois tinha que caldar ela. A gente caldava ela, depois de tudo pronto fiava em uma roda. E depois a gente tingia a lã e o fio de algodão. Naquele tempo não existia [corante], então a gente fazia a colheita no campo mesmo, colhia os matos que soltavam a tinta, aí a gente pintava. Colocava aquele laranja. Geralmente a cor mais trabalhada era o laranja, o roxo, o amarelo, essas cores assim mais básicas que dá no campo, né.

Em18 (65 anos) complementa essa construção histórica sobre o ofício ao dizer que “de primeira as coisas eram tão difícil, que a gente tinha que colher o algodão, lavar, cardar, pra depois a gente fiar, pra gente urdir, assim, era muito mais difícil que é hoje. Mais pra trás, antigamente era muito difícil o jeito”. Essa compreensão vai ao encontro das respostas de quase todos os entrevistados, incluindo os mais jovens, que não vivenciaram, mas que ouviram essas histórias de seus antepassados, como Em2 (34 anos), que diz que:

Antigamente a gente tinha que urdir, que amarrar teia. Hoje em dia tem essa praticidade. O retalho tinha que picar, hoje em dia compra e só tem que enrolar. Mudou questão de fiar, que antigamente eles fiavam, né. Questão de tecer, antes eles teciam mais com aquelas canelinhas, hoje em dia já é a bola. Quando eu comecei a tecer, era só retalho de picar, não tinha o retalho de corda. Então tem essa praticidade. E teia a gente tinha que urdir na urdideira e a gente mesma enrolar. Hoje em dia não, já vem enrolado no próprio rolo, então eu acho que teve muita mudança, né. Foi se tornando mais prático.

Eh19 (27 anos) rememora que as pessoas mais velhas de sua família participaram dessa ‘fase’ totalmente manual citando o exemplo de sua avó, e destaca que “antigamente tinha o trabalho com a roca [um aparelho de fiação] também que criava o seu barbante. Minha avó mesmo que trabalhava muito em roca direto com o algodão colhido e tratado”. De maneira similar, Eh15 (39 anos), um dos homens que possuem maior relação com a tecelagem – embora não a tenha como trabalho principal na atualidade –, auxilia também nessa compreensão em relação à maneira como se produzia o artesanato têxtil no passado. Ele diz que antigamente produziam-se mais artefatos no tear e em menor quantidade, inclusive peças do vestuário, na medida em que o processo era todo manual. Em suas palavras:

Minha avó, na história do artesanato em Resende Costa, minha avó foi uma das pioneiras, entendeu? Até porque o bisavô dela que trouxe o tear de Portugal (tear duplo), não sei se já te falaram isso, o Capitão Pinto, não sei se você já ouviu falar, que tem até o povoado de Pintos que é em homenagem a esse capitão. Foi esse capitão Pinto que trouxe o tear de Portugal, e aí, estabeleceu em algumas família.

E como minha avó era bisneta dele [começou a tecer]. Aí usava-se o tear pra fazer roupa. As pessoas não tinha roupa. Aí as pessoas que tinham mais dinheiro usavam roupa que eram feitas no tear. Isso mesmo depois que o povo já usava roupa feita, comprava pano pra fazer roupa, tinha gente que ainda usava roupa feita no tear. Minha avó fazia esse tipo de roupa. Tecia e depois costurava. Tirava a peça lá no tear. Era uma coisa meio grosseira, né, porque o fiado era feito em casa. Aí tinha que fazer, tinha que tingir. Era tudo feito em casa. Os fiado era feito. A lã era feita em casa. Às vezes colocava no tear, fazia colcha. A colcha era feita no tear e por exemplo, fala urdir, urdia no tear só duas colchas.

Essa percepção de que no passado havia maior dificuldade na produção artesanal foi destacada pela grande maioria dos entrevistados, como salienta Em13 (47 anos) ao lembrar que “minha avó antigamente era fiandeira, era mais difícil. Era mais difícil porque na época da minha mãe o pessoal fiava lã pra poder fazer o fio”. Em5 (33 anos) também salienta essas mudanças principalmente em termos de aquisição de matéria-prima, destacando, no entanto, que os teares seguem sendo os mesmos. Em suas palavras: “antes tinha que fazer tudo em casa. Minha avó fiava na roca. Agora a gente já compra a linha, os retalhos e é só tecer. Mas então, no meu caso, os teares são os mesmos que a minha mãe usava. Mas aqui em Resende Costa, o artesanato foi só aprimorando”. Esse aprimoramento no ponto de vista de outros tecelões, na verdade, é assimilado como simplificação.

De forma geral, o que se consegue assimilar é que desde a chegada dos saberes e dos teares na cidade, a tecelagem está presente no cotidiano das pessoas, sendo um grande desenvolvedor social e local. A tradição de tecer passa e é repassada através de gerações (SANTOS; SILVA, 1997). Resende Costa rememora um importante fato histórico que é a Inconfidência Mineira. Esse fato, associado à histórica tradição de se tecer manualmente, fez com que a cidade tivesse grande potencial turístico. Ademais, o município se localiza no itinerário da Estrada Real, que interliga as cidades de Tiradentes, Ouro Preto e São João Del Rei, outras grandes localidades turísticas da região (SOUZA, 2018).

O desenvolvimento turístico em Resende Costa acontece sem planejamento prévio, pois não existiu uma organização dos responsáveis pelo município. Com o tempo, surgiram lojas de artesanato, restaurantes e pousadas. Os órgãos públicos atuam de maneira tardia nessa questão. Até a primeira década dos anos 2000, não existiu algum planejamento de política pública, que, assim com a sociedade civil, começa a se articular mais recentemente com o surgimento de associações como a ASETURC – Associação Empresarial e Turística de Resende Costa, em 2005 (PREFEITURA MUNICIPAL DE RESENDE COSTA, 2019; BATISTA; SOARES JUNIOR, 2020).

A partir desse segmento turístico, com o grande número de lojas e também pelo aumento no número de pessoas que compram artefatos no município para revender em outras localidades, boa parte da população local vê na tecelagem uma maneira de ter uma profissão e adquirir sua renda. Nesse aspecto, segundo matéria do jornal G1 Zona da Mata – MG

(2014), na atualidade, cerca de 70% das pessoas de Resende Costa, possuem algum tipo de relação com o artesanato têxtil, já que através dessa produção são geradas ocupações diretas – como os tecelões e vendedores de artesanato – e indiretas – como donos de pousada, supermercados e postos de gasolina –, entendendo que a tecelagem é um atrativo turístico do local. Essa discussão, no que toca ao desenvolvimento do setor artesanal em uma perspectiva mais atual, será apresentada no tópico seguinte.

Vivências do trabalho têxtil: perspectiva contemporânea

Sabe-se então que a tecelagem está presente no município desde o período colonial do país. A tecelagem passa por um processo de desenvolvimento no decorrer do tempo, principalmente em relação à maneira como se adquire matéria-prima, e os produtos passam a ser produzidos por meio de padronagens mais simples e lisas. Isso ocorre pois o número de lojas na cidade se expande, assim como aumenta o fluxo turístico e de compra para a revenda no local. A demanda pelos produtos da cidade se torna intensa e, assim, os artesãos passam a manufaturar seus produtos e a receber por produção (SOUZA, 2018). Essa questão vai ao encontro de algumas falas de entrevistados que elucidam que os produtos confeccionados na cidade se tonam mais simples em sua configuração visual (Figura 5), já que o processo artesanal passa a ser apenas o da tecelagem. Eh19 (27 anos) elucidava bastante esse prisma quando diz que essa simplificação passa por diferentes instâncias, desde a produção até o consumo: a produção do artesão que precisa confeccionar muitos produtos por dia, já que recebe pela produção; a quantidade produzida se eleva para que todas as lojas sejam abastecidas; e esses tapetes passam a ser comprados em grande escala para serem revendidos. Em sua fala:

Eu peguei uma parte onde houve uma simplificação estética na produção do tapete que foi o momento em que as lojas se popularizaram, ali por volta de 2010, por aí. Então quando eu começo a tecer, esses tapetes, eles tinham um trabalho estético mais elaborado que demandava mais tempo. Depois, a produção se populariza, ela começa ficar um pouco mais simples esteticamente, onde a produção passa para um aspecto mais quantitativo. Hoje em dia começa a dar uma simplificada, primeiro numa questão estética da projeção geométrica dos desenhos. Elas se simplificam, ela se transforma quase numa coisa horizontal. O máximo que você faz é uma variação de cores ali. Os tamanhos foram reduzindo também. E persiste muito a questão de tapetes de uma cor só. A produção se tendencia a estar focada em uma produção mais rápida. Essa simplificação também vem da quantidade que tem que ser produzida pra abastecer a quantidade de loja que tem na cidade e a quantidade de vendedor que vem comprar. São várias vias. Se você for analisar, a coisa se ramifica: primeiro é a produção do próprio tecelão. Então ele simplifica pra ganhar mais, pra tentar ganhar mais. A outra questão é a quantidade de material, né. O material começa a se tornar escasso. Terceiro seria a questão das lojas. A minha irmã também tem uma loja de artesanato e os números que ela vende são números absurdos.

FIGURA 5 – TAPETES PRODUZIDOS EM RESENDE COSTA ATUALMENTE



Fonte: acervos pessoais de Em6, Em10 e Em12

Essa temática relativa à mudança e aceleração na produção artesanal do local faz com que seja possível situar o contexto atual da tecelagem manufaturada em Resende Costa, ao passo que se pode discutir acerca do artesanato inserido no sistema capitalista atual.

Assim, como constatam Keller (2011) e Souza (2018), por conta de intervenções que modificam a produção do artesanato no Brasil, tem-se a observação de que ocorre um processo de empobrecimento nas características materiais e, sobretudo, no campo simbólico específico de uma comunidade que executa esse tipo de expressão cultural. Dessa forma, os artesãos passam a ser incorporados em um sistema – pautado na precarização, na massificação e na flexibilidade – que sustenta o capitalismo na contemporaneidade. Esse processo favorece o que se intitula de ‘empresarização’ do artesanato, em que se tem a reprodução de uma concepção que atrela o desenvolvimento como uma expressão ligada ao aumento da

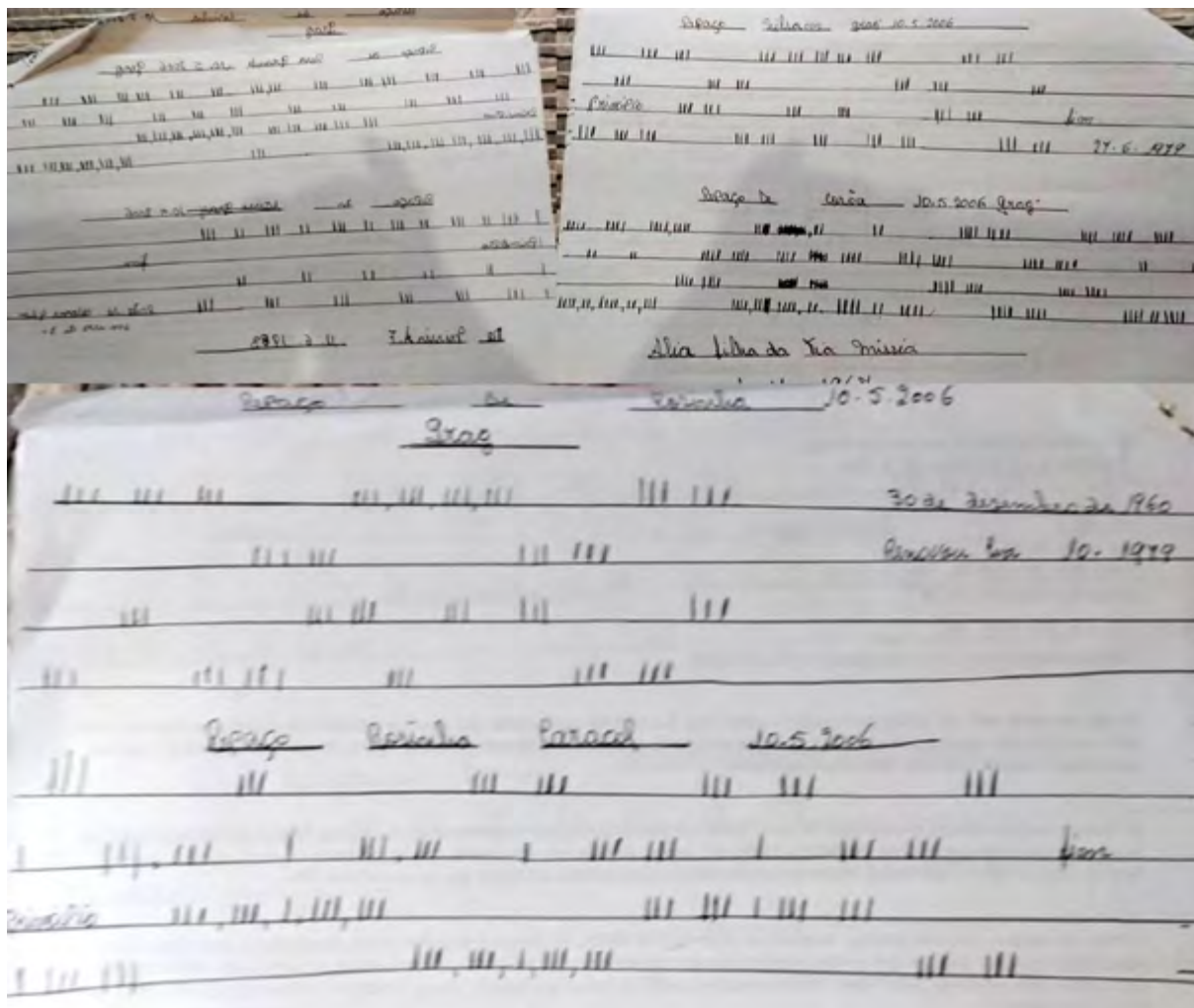
aptidão dos produtos fabricados para o consumo. Então “[...] a lógica subjacente a essa ideologia está na concepção de que a proclamada liberdade que seria inerente à política neoliberal reside no potencial de consumo individual” (MARQUESAN; FIGUEIREDO, 2014, p. 77).

Nessa lógica, as características singulares que distinguem a produção artesanal de uma localidade para outra vão se atenuando, projetando um sistema que massifica a produção artesanal e as práticas de organizações. Essa massificação associada à produção em série do produto artesanal remove parte da autonomia do profissional artesão, afastando de certa forma a liberdade que este teria em sua produção, reproduzindo “[...] uma situação de dependência em que, de fato, não há perspectivas aparentes de transformação”. Então, a transformação que ocorre no artesanato está relacionada com a facilitação do acesso ao mercado de consumo (MARQUESAN; FIGUEIREDO, 2014, p. 77).

Nesse contexto, constata-se então que a maneira de se adquirir a matéria-prima para a produção artesanal na cidade se modifica no decorrer do tempo, fazendo com que o processo se torne mais facilitado, já que não se tem a necessidade de produzir os fios para depois tecê-los, como destaca Em19 (38 anos): “as coisas vão modernizando, né? Hoje a matéria é mais retalho e a linha é comprada, antes tinha que fazer o fio”. E isso impacta também na qualidade desses materiais. Quando se começou a utilizar retalhos na produção do artesanato, esses eram refugos têxteis advindos de roupas inutilizadas. Com a industrialização da matéria-prima, há uma melhoria na qualidade, como aponta Em1 (37 anos), ao dizer que “acho que melhorou, assim, os retalhos melhoraram”. Em3 (62 anos) que é grande conhecedora do artesanato local, destaca bem essa questão da simplificação do processo quando diz que:

Então hoje em Resende Costa o pessoal costuma trabalhar com o tapete zebri-
nha, o xadrez e tem também outros trabalhos, né, que fazem, como cortina, col-
cha, centro de sala, mas tudo num trabalho mais fácil pra dar produção. Por causa
disso, como aqui ultimamente se tornou uma fonte de renda, a maioria, uns 80%
sobrevive disso, então adaptaram tudo pra isso, tudo com coisa mais fácil hoje.
Então aquele processo lá atrás que o povo fazia, aqui não tem mais, porque hoje
é mais por produção. Você compra fio de um, malha de outro a lã de outro, então
você não tem mais aquele processo. E com isso aí, como hoje é tudo comprado, a
gente faz a cadeia produtiva pra poder comercializar os produtos. Antigamente a
gente trabalhava com desenhos, os desenhos que você via, que a gente chamava
isso de repasso (Figura 6), né, o desenho que a gente criava, só que nesse dese-
nho, a gente jogava uma parte lisa, pra poder ir formando aquelas formas. Só que
o povo optaram a ficar agora só na parte lisa, que aí dá mais rendimento, aí dá
mais produção, e o trabalho em si, se for fazer ele hoje, o povo não valoriza ele
mais igual era antigamente. Hoje tá mais simples.

FIGURA 6 – ANTIGOS REPASSOS DE UMA TECELÃ



Fonte: acervo pessoal de Em3

Então a maneira de se adquirir matéria-prima se modifica, como já evidenciavam Santos e Silva (1997), a partir do advento da indústria têxtil atrelado ao processo de desenvolvimento urbano em Resende Costa. O desenvolvimento chega ao artesanato, incrementando-o sem o descaracterizar, no sentido de como esses artefatos eram produzidos no tear. Nesse período, os artesãos passam a adquirir retalhos de malharias da região. Em um primeiro momento, os retalhos eram doados e depois começou a ser comercializado. Com o uso dos retalhos, o artesanato passa a ser concebido com a utilização de novas cores e texturas que não eram possibilitadas pela produção manual dos fios. Ao mesmo passo, os fios em formato de linha começam a ser comprados industrializados. Dessa forma, com essa modernização da matéria-prima a produção artesanal se torna mais agilizada e diversa, principalmente em relação às cores dos artefatos, ao passo que a demanda se eleva e os artesãos passam a produzir grandes quantidades de produtos de uma maneira mais simplificada diariamente.

Ainda nessa continuidade, no que tange às técnicas da tecelagem e também no que toca aos teares, muitos dos entrevistados destacaram que, no geral, quem tece em casa utiliza de teares antigos que já estão presentes na família por gerações (Figura 7). Em relação ao modo de se tecer, as respostas também apontam para uma manutenção de técnicas antigas, embora tenha havido uma simplificação nos produtos produzidos, como aponta Em9 (42 anos) quando fala que “deu uma evoluída. Mas assim, desde quando eu, tipo, comecei a tecer, o jeito de fazer é o mesmo. Os teares também a maioria continua os mesmos”. Para Em8 (36 anos) “os tear não mudou muita coisa não. O jeito de fazer o tapetinho, de tecer também é o mesmo”. O mesmo é dito por Em5(33 anos): “agora a gente já compra a linha, os retalhos e é só tecer. Mas então, no meu caso, os teares são os mesmos que a minha mãe usava”. Em11 (27 anos) também aponta o mesmo ao expressar que “no jeito de tecer desde quando minha mãe tecia eu acho que não mudou, é mais no retalho que agora a gente já compra e é só enrolar. E os teares são os mesmos também, pelo menos os meus são”. Em14 (25 anos) diz que ainda trabalha em um tear que sua mãe ganhou quando começou a tecer. Para ela, as técnicas de tecer “são as mesmas sim. E os teares, um é o primeiro que minha mãe ganhou quando ela começou a tecer e ele ainda tá aqui e nós tece de vez em quando nele. Mas tem outros novos, mas é o mesmo estilo”.

FIGURA 7 – TEARES DAS TECELÃS ENTREVISTADAS



Fonte: acervos pessoais de Em4 e Em11

Ainda que a maioria dos entrevistados aponte para a realização da tecelagem de maneira mais tradicional, alguns elucidam que existiram modificações importantes e isso evidencia a multiplicidade de dinâmicas existentes no município. Uma dessas modificações seria a troca do local em que se coloca a bobina – ou teia – para a realização da tecelagem. Alguns tecelões seguem colocando a teia na parte de cima do tear, outros passam a colocar na parte de baixo para evitar erguer peso (Figura 8). Para Em17 (32 anos) a matéria de

confeção dos teares mudou: “os teares, assim, acho que são os mesmos, mas o tear era antigo, era mais pesado né. Era aquelas madeiras grossona, hoje não, hoje já é mais fino, mais moderno, mais leve. Antes era pesado”. Isso vai ao encontro da opinião de Em19 (38 anos) ao pontuar que “os teares eles são parecidos, mas são feitos em madeiras mais leves. Acho que muda mais nesse sentido. O jeito que bate no tear não muda”. Em10 (29 anos) e Eh6 (26 anos) possuem um entendimento próximo quando dizem respectivamente que:

Eu falo que mudou muito por causa dos materiais, né? Hoje é bem mais fácil porque o retalho já vem picado, é só enrolar. Os tapetes também, tem alguns que são bem mais fáceis de fazer porque são mais simples, não tem aqueles desenhos trabalhados. E eu acho que simplificou porque a gente precisa fazer muita quantidade. Tem muitas lojas na cidade, né? Porque os teares costumam serem os mesmos ou parecidos. Claro que pode ter mudado o material pra ficarem mais leves, mas muita gente tece em teares que foram de suas mães (Em10, 29 anos).

Ah, acelerou muito a produção. Quando estava na produção antiga, essa produção estava retida a poucas pessoas. Hoje em dia por ter muita gente que, igual, as distribuidoras de linha aqui, já tem a máquina pra poder fazer a teia que produz o tapete, facilitou muito pra que todo mundo hoje em dia tenha um tear em casa. Aí facilitou muito, sabe? E aumentou muito a quantidade de tapete no mercado (Eh6, 26 anos).

FIGURA 8 – MODIFICAÇÃO NO LOCAL DA TEIA NO TEAR



Fonte: acervo pessoal de Em4

Souza (2018) estuda essas transformações na produção artesanal destacando a relação dessas modificações com as alterações do trabalho no mundo capitalista. Pesquisando especificamente a produção artesanal em Resende Costa, a autora encontra inovações e invenções que alguns artesãos fizeram para facilitar seus processos, destacando a urdideira – sendo um maquinário, inicialmente, composto por peças de madeira paralelas, utilizado para a preparação do fio para a tecelagem, enrolando os fios nos novelos –, a utilização de motores para a produção mais rápida de teias e a motorização da urdideira. Isso vai ao encontro da percepção de Eh1 (25 anos) que vê métodos de modernização em um âmbito individual. Para ele, “a tecelagem aqui, os teares se mantêm a mesma coisa, entendeu? Claro que uma coisa ou outra muda, a matéria-prima. E eu conheço um rapaz que ele que criou outro jeito de tecer, ele deu um upgrade no tear, digamos assim, e facilitou muito pra ele”. Em2 (34 anos) e Em3 (62 anos) também tem uma percepção similar. Para elas, os teares passaram por adaptações para que o processo se tornasse mais facilitado. Nas palavras de ambas, sucessivamente:

Os teares da minha avó pro da minha mãe já teve um pouco de mudança sim. Onde põe o liço ali, antigamente era tudo de madeira, eles foram adaptando. Hoje em dia tem uns motores que ajudam a enrolar, antes era tudo manual. Então teve bastante mudança sim (Em2, 34 anos).

Os tear também foram adaptados porque antigamente, pra gente trabalhar como fazia todo o processo, dava tempo de você descansar de um trabalho pro outro, e hoje não. Quando eles terminam uma teia, que é o que a gente fala aqui, já tá separando material pra próxima. Então eles ficam fazendo muito serviço repetitivo, aí teve que adaptar o tear por causa disso procurando um melhor jeito que tem pra pessoa trabalhar, preocupando mais com o corpo, principalmente o braço que é o que mais aperta (Em3, 62 anos).

Através dessas percepções, nota-se que a tecelagem vem se desenvolvendo no município, principalmente pela grande elevação dos números de lojas de artesanato local. De acordo com Resende (2019), tem-se uma estimativa de que na cidade existam pelo menos 80 lojas de artesanato. Esse aumento no número de lojas é apontado como um dos motivos para a simplificação do processo artesanal, como aponta Eh2 (26 anos):

Olha, muita coisa mudou. A gente vê quando eu era criança, pessoal trabalhava muito com colcha, com coisa grande, hoje já é coisa pequena, hoje é mais é tapete. Antigamente era colcha, era tudo. Até os meios de material também mudaram muito. Pela quantidade, porque o que acontece, o pessoal vendia nas casas e tal, hoje, esse tanto de loja que tem aqui, expandiram muito o produto, é reconhecido nacionalmente e até internacionalmente também.

Com esse progresso, a tecelagem é vista como uma oportunidade de geração e emprego e renda para muitas famílias locais. Isso fica bastante evidente na fala de Justina (39 anos). Para ela:

A gente percebe que cada dia tá crescendo mais, dando mais oportunidade pra muita gente que às vezes não consegue um emprego, às vezes a pessoa que arruma algum emprego em algum comércio, alguma coisa em algum lugar e não consegue, então assim, a tecelagem aqui ela dá muita oportunidade pra muita gente. Acho que na nossa cidade, não trabalha quem não quer porque se a pessoa não sabe fazer um tapete, a pessoa enrola um retalho, enrola uma linha, amarra um tapetinho. Então assim, a tecelagem aqui dá oportunidade pra muita gente, entendeu.

Nessa ótica de crescimento e modernização, na atualidade, o artesanato local é comercializado também via internet. Muitos tecelões vendem e entregam seus produtos para todo o Brasil, embora essa presença *on-line* seja maiormente percebida em relação às lojas locais e aos tecelões comerciantes. Em20 (47 anos) destaca isso quando diz que:

Hoje a gente vende pela internet, vem muito turista na cidade. E antigamente tinham mais eram vendedores que eram os pais de família que saíam da cidade para vender e eram poucos. Daí, a gente vendia para eles. Agora melhorou nessa área que hoje tá muito mais fácil para você vender.

Amarrações finais

Por meio deste estudo, conseguiu-se perceber que a tecelagem é a principal atividade econômica desenvolvida no município de Resende Costa, sendo uma herança histórica da cultura material da localidade. Tecer permeia a vida cotidiana dos moradores, seja de forma direta ou não.

Em tal perspectiva, aferiu-se que a história da tecelagem e a do município se confundem, e que o percurso do ofício de tecer pode ser dividido em três grandes momentos: no primeiro, a produção era mais lenta e em menores quantidades, haviam padronagens mais detalhadas, as fibras eram fiadas; todo o processo era manual. No segundo momento, a matéria-prima passa a ser industrializada, especialmente passam a ser usados retalhos, adquiridos em pedaços que precisavam ser picados, havendo a função do picador – que exercia a tarefa de transformar esses retalhos em cordas. No terceiro e mais atual momento, os retalhos passaram a ser adquiridos já picados no formato de corda, se extinguindo a ocupação do picador.

Nos dois últimos momentos, sobretudo na atualidade, a tecelagem passa a ser manufaturada, ou seja, produzida em grandes volumes. Nesse processo, as características visuais das produções se simplificam, passando a ser confeccionados artefatos menores e muitas vezes em cores únicas e com padronagens simplificadas. Isso se deve a alguns fatores: com o fluxo turístico e de compra por atacado na região, a demanda pelos produtos se elevou de maneira contínua; pelo mesmo motivo muitas lojas foram fundadas, havendo a necessidade de serem abastecidas com os artefatos; em tal contexto, os tecelões são em suma terceirizados e recebem por produto, assim, tem-se a construção de uma filosofia de precisar produzir grandes quantidades para fomentarem suas rendas.

Referências

AGÊNCIA MINAS GERAIS. **Artesanato mineiro chama atenção pela importância cultural e força econômica**. SEGOV - Secretaria de Estado de Governo de Minas Gerais, Belo Horizonte, 16, ago. 2016. Disponível em: <http://static.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/artesanato-mineiro-chama-atencao-pelaimportancia-cultural-e-forca-economica>. Acesso em: 22 jun. 2020.

ATTRIDE-STIRLING, Jennifer. Thematic networks: an analytic tool for qualitative research. **Qualitative Research**, v. 1, n.3, p.385-405, 2001. Disponível em: <https://utsc.utoronto.ca/~kmacd/IDSC10/Readings/Readings/text%20analysis/themes.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.

BABBIE, Earl. **Métodos de Pesquisas de Survey**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, 519 p

BATISTA, Fabiano Eloy Atílio; SOARES JUNIOR, Glauber. Tramas de minas: o artesanato como atrativo turístico e gerador de emprego e renda. **RAEI: Revista americana de empreendedorismo e inovação**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 107-115, nov. 2020. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/raei/article/view/3254#:~:text=O%20turismo%2C%20na%20atualidade%2C%20vem,trade%20tur%C3%ADstico%2C%20em%20especial%20de>. Acesso em: 20 set. 2021.

CASTRO, Amanda Motta; EGGERT, Edla. A Tecelagem Manual em Minas Gerais: elementos para uma análise feminista da produção artesanal. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 1, n. 6, p.114-126, 2015. Disponível em: http://revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/viewFile/5124/pdf_169. Acesso em: 12 abr. 2021.

CASTRO, Amanda Motta. **Fios, Tramas, Repassos e Inventabilidade**: a formação de tecelãs em Resende Costa/MG. 2015. 230 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Educação, UNISINOS, São Leopoldo, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3686>. Acesso em: 05 mar. 2021.

CHATAIGNIER, Gilda. **Fio a Fio**: tecidos, moda e linguagem. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010. 165 p.

FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA. **Tecelagem manual no Triângulo Mineiro: uma abordagem tecnológica**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura - Secretaria da Cultura, 1984. 124 p

G1 ZONA DA MATA - MG **Artesanato é tradição e fonte de renda em Resende Costa, MG**. G1 Zona da Mata. [S.l.], [n.p.]. 25 jun. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2014/06/artesanato-e-tradicao-e-fonte-derenda-em-resende-costa-mg.html>. Acesso em: 10 set. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 220 p.

KELLER, Paulo Fernandes. Trabalho artesanal e cooperado: realidades, mudanças e desafios. **Sociedade e Cultura**, v. 14, n. 1, p. DOI: 10.5216/sec.v14i1.15646, 15 set. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/15646>. Acesso em: 8 dez. 2020.

LIND, Mathilde Frances. Handspinning Tradition in the United States: traditionalization and revival. **The Journal Of American Folklore**, [S.l.], v. 133, n. 528, p. 142, 2020. University of Illinois Press. <http://dx.doi.org/10.5406/jamerfolk.133.528.0142>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.5406/jamerfolk.133.528.0142>. Acesso em: 23 mai. 2021.

MACEDO, Concessa Vaz de. **A produção artesanal de fios e tecidos em Minas Gerais: Uma Indústria Feminina de Vanguarda na Economia Mineira do Século Dezenove**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 33 p. Disponível em: https://www.mao.org.br/wpcontent/uploads/macedo_01.pdf. Acesso em: 14 set. 2021.

MARQUESAN, Fábio Freitas Schilling; FIGUEIREDO, Marina Dantas de. De artesão a empreendedor: a resignificação do trabalho artesanal como estratégia para a reprodução de relações desiguais de poder. **Revista Administração**. Mackenzie, vol.15, no.6, São Paulo, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-69712014/administracao.v15n6p76-97>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ram/a/BNKF9DfPPmF4NPbFBKPbzkv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 fev. 2021.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos: histórias, tramas, tipos e usos**. 2. ed. São Paulo: Editora Senac, 2009. 324 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RESENDE COSTA. **ICMS Cultural: Dossiê de registro de bem cultural imaterial**. Resende Costa, 2019.

RESENDE, Isabela Aparecida Pinto. **Da Preservação à Inovação: a valorização da técnica tradicional como estratégia de incentivo ao processo criativo na tecelagem manual de Resende Costa - MG**. 2019. 215 f. Dissertação (Mestrado) - Programa Interdepartamental de Pós-graduação em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, 2019. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pipaus/DISSERTACAO_ISABELA%20RESENDE%20.pdf. Acesso em: 20 mai. 2021.

RIBEIRO, Emanuelle. **Artesanato de Resende Costa é registrado como bem imaterial**. Jornal das Lajes, Resende Costa, 15 dez. 2016. Disponível em: <https://www.jornaldaslajes.com.br/integra/artesanato-de-resende-costa-eregistrado-comobem-cultural-imaterial/2072>. Acesso em: 20 mai. 2021.

SANTOS, Micênio Carlos Lopes dos; SILVA, Gustavo Melo. **Tear: Artesanato de Resende Costa**. São João del Rei: Editora Funrei, 1997.

SILVA, Márcia Alves da. Abordagem sobre trabalho artesanal em histórias de vida de mulheres. **Educar em Revista**, [S. L.], n. 55, p. 247-260, mar. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.36810>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n55/0101-4358-er-55-00247.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2021.

SOARES JUNIOR, Glauber; CARVALHO, Angelita Alves de. O artesanato doméstico no cotidiano da mulher. **Research, Society And Development**, [S.L.], v. 10, n. 4, p. 1-15, 18 abr. 2021. Research, Society and Development. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i4.14277>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14277>. Acesso em: 20 nov. 2021.

SOUZA, Cristiane Natalício de. **Artesanato de Tradição do Tear em Resende Costa, MG: trabalho, produção e comércio**. 2018. 266 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, PUC Minas, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencSociais_SouzaCN_1.pdf. Acesso em: 15 mai. 2021.

UDALE, Jenny. **Tecidos e Modas**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2011. 175 p.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 06 jan. 2021.

XIMENES, Sérgio. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Ediouro, 2001. 908 p.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Revisor(a) do texto: Fabiano Eloy Atílio Batista, Doutorando e Mestre em Economia Doméstica (Universidade Federal de Viçosa). E-mail: fabiano_jfmg@hotmail.com